Rivais Divinos



Rebecca Ross

SECRET SOCIETY

Dedicado a Isabel Ibañez, que leu este livro
enquanto eu o escrevia, que me convenceu a acrescentar
o ponto de vista do Roman e que, de vez em quando,
fecha os olhos a algumas coisas que faço.

P.S. Estou a falar do capítulo 34.

ÍNDICE

Prólogo 11

PARTE UM *Cartas que Chegam* Pelo *Roupeiro*

1 Inimigos Figadais 19
2 Palavras para Forest 35
3 Mitos Desaparecidos 45
4 Revelações do Caixote do Lixo 55
5 Pena 63
6 Jantar com Quem se Ama (ou Não) 69
7 Celestiais *versus* Subterrâneos 81
8 Uma Sandes com Uma Alma Antiga 89
9 Uma Peça de Armadura 101
10 Esquadra Nove 107
11 A Grande Divisão 111
12 Uma Sombra a Pairar 117
13 Uma Vantagem Injusta 125
14 Adeus aos Fantasmas 137

PARTE DOIS *Notícias de Terras Longínquas*

15 A Terceira Alouette 145
16 Attie 159
17 Três Sirenes 165
18 Um Tiro no Escuro 177
19 Palavras de Saudade 181
20 Música Subterrânea 187
21 Cavaleiro Errante ou Renegado 199
22 Iridescência 211

23 Champanhe e Sangue 219
24 Instrumentos Perigosos 235
25 Colisão 243
26 Ofuscar 251
27 Sete Minutos de Atraso 261
28 Um Rival Divino 271

PARTE TRÊS *As Palavras Subentendidas*

29 O Pelotão Plátano 285
30 Notas das Trincheiras 301
31 Vento Ocidental 309
32 Fumo nos Olhos de Iris 315
33 A Neve na Mochila de Kitt 327
34 C. 339
35 A Colina que Quase Venceu Iris 349
36 No Jardim 363
37 O Crime da Alegria 373
38 A Véspera do Dia de Enva 391
39 Votos Trocados na Escuridão 403
40 Acordar Noutro Mundo 417
41 A Tua Mão na Minha 429
42 Tudo Aquilo que Nunca Disse 443
Epílogo: Dacre 461

Agradecimentos 467



Escreve-me palavras que falem de amor e esperança;
e de corações que resistiram.
Emily Dickinson



PRÓLOGO

Um nevoeiro gélido abatera-se sobre a estação de comboios como uma mortalha, e Iris Winnow pensou que as condições atmosféricas não podiam ser mais adequadas. Mal distinguia o comboio através da bruma, mas sentia-lhe o sabor no ar da noite: metal, fumo e carvão em brasa, tudo rematado com um toque a terra molhada. Sentiu a plataforma de madeira escorregadia sob os seus sapatos, refulgente com as poças de água da chuva e pilhas de folhas em decomposição.

Quando Forest parou ao seu lado, ela parou também, como se fosse o seu reflexo plasmado num espelho. Os dois passavam muitas vezes por gémeos, com os seus olhos cor de avelã, o cabelo castanho ondulado e os narizes salpicados de sardas. Contudo, Forest era alto, Iris era baixa. Ele era cinco anos mais velho, e pela primeira vez na vida, Iris desejou suplantá-lo em idade.

— Não vou estar fora durante muito tempo — disse ele. — Só uns meses, acho eu.

O irmão olhou para ela na luz que se desvanecia, à espera da reação de Iris. O dia estava a chegar ao fim, àquele momento entre a luz e as trevas em que as constelações começam a surgir no céu e as ruas se iluminam em resposta. Iris conseguia sentir a atração — o olhar preocupado de Forest e a luz dourada que iluminava as nuvens baixas — e, no entanto, os seus olhos vagueavam, desesperados em busca de uma distração; de um instante que lhe permitisse piscar os olhos e afastar as lágrimas antes de Forest reparar que estava a chorar.

Havia uma jovem, com a farda perfeitamente engomada, à sua direita. Iris foi invadida por uma ideia insana. Uma ideia que terá transparecido no seu rosto, porque Forest pigarreou.

— Eu devia ir contigo — disse ela, fixando o seu olhar. — Ainda vou a tempo de me alistar...

— Não, Iris — respondeu Forest, peremptório. — Fizeste-me duas promessas, lembras-te?

Duas promessas, feitas há pouco mais de um dia. Iris franziu o sobrolho.

— Como querias que me esquecesse?

— Então, repete.

Ela cruzou os braços ao frio do outono e à estranha cadência da voz de Forest. Havia um indício de desespero que ela ainda não tinha ouvido e que lhe arrepiou os braços, debaixo da camisola fina.

— *Tomar conta da mãe* — disse ela, imitando o seu tom de barítono, o que o fez sorrir. — *Ir às aulas.*

— Acho que foi mais do que um seco «ir às aulas» — corrigiu Forest, dando-lhe um pequeno pontapé —, sua académica brilhante que nunca faltou um dia. Dão prémios por isso, sabias?

— Pronto, está bem — concedeu ela, já corada. — Disseste: «Promete-me que vais desfrutar do teu último ano escolar, que eu volto a tempo para a tua formatura.»

— Isso mesmo — disse Forest, mas o sorriso começava a desvanecer-se.

Ele não sabia quando voltaria. Era uma promessa que ele próprio não poderia cumprir, embora continuasse a tentar convencê-la de que a guerra terminaria dali a poucos meses. Uma guerra que mal tinha começado.

E se tivesse sido eu *a ouvir a canção?* pensou Iris, com o coração tão pesado que parecia fazer-lhe mossa nas costelas. *Se tivesse sido eu a encontrar a deusa e não ele... será que ele me deixaria ir?*

O seu olhar fixou-se no peito de Forest; no lugar onde o seu coração batia por baixo da farda verde-azeitona. Uma bala poderia perfurá-lo numa fração de segundos. Uma bala poderia impedi-lo de voltar para casa.

— Forest, eu...

A frase foi interrompida por um silvo estridente que a fez saltar. Era a última chamada para o embarque, e de repente todos se precipitaram para as portas das carruagens do comboio. Iris voltou a sentir um calafrio.

— Toma — disse Forest, pousando a sua mochila de couro. — Fica com isto.

Iris observou o irmão a abrir o fecho e a tirar a gabardina acobreada. Estendeu-lha, arqueando o sobrolho quando ela se limitou a encará-la.

— Mas tu vais precisar dela — argumentou.

— Eles vão dar-me uma — contrapôs. — Algo apropriado para a guerra. Vá, aceita, minha Pequena Flor.

Iris engoliu em seco e aceitou a gabardina. Enfiou os braços nas mangas e atou o tecido gasto à cintura. Ficava-lhe a nadar, mas era reconfortante. Parecia uma armadura. Ela suspirou.

— Esta gabardina cheira a relojoaria — disse ela. Forest riu-se.

— E a que cheira ao certo uma relojoaria?

— A relógios empoeirados com meia corda, a óleos caros e àqueles instrumentos de metal minúsculos que os relojoeiros usam para reparar as peças partidas. — Mas não era só isso. A gabardina também cheirava ao Revel Diner, onde ela e Forest jantavam pelo menos duas vezes por semana enquanto a mãe servia às mesas. Cheirava ao parque junto ao rio, a musgo, a pedras húmidas e a longas caminhadas, e também ao aftershave de sândalo de Forest, porque, por mais que ele quisesse, não conseguia deixar crescer a barba.

— Então, vai fazer-te companhia — disse ele, colocando a mochila ao ombro. — E agora podes ficar com o roupeiro só para ti.

Embora ciente de que ele estava apenas a tentar aligeirar o ambiente, Iris sentiu um aperto no estômago ao pensar no pequeno guarda-roupa que partilhavam no apartamento. Como se ela alguma vez fosse capaz de tirar de lá as roupas dele na sua ausência.

— Tenho a certeza de que vou precisar dos cabides extra, uma vez que, como tu bem sabes, estou sempre em cima das últimas tendências da moda — retorquiu Iris, na esperança de que ele não detetasse a tristeza na sua voz.

Ele limitou-se a sorrir.

Era chegada a hora. A plataforma estava quase despida de soldados e o comboio sibilava na escuridão. Iris tinha um nó na garganta; mordeu o interior da bochecha quando Forest lhe deu um último abraço. Fechou os olhos ao sentir o tecido da farda de linho a arranhar-lhe a cara e reprimiu as palavras que queria dizer: *Como podes amar esta deusa mais do que a mim? Como podes deixar-me assim?*

A mãe já tinha expressado tais sentimentos, zangada e transtornada como ficou quando soube que Forest se tinha alistado. Aster Winnow recusara ir despedir-se do filho na estação. Iris imaginou-a em casa, a chorar enquanto o sentimento de negação se ia desvanecendo.

O comboio começou a andar, avançando lentamente pelos carris.

Forest soltou-se dos braços de Iris.

— Escreve-me — sussurrou ela.

— Prometo.

Recuou alguns passos, sem desviar o olhar do dela. Não havia medo nos seus olhos. Apenas uma determinação sombria e febril. Foi então que Forest se virou e correu para embarcar no comboio.

Iris seguiu-o até ele desaparecer na carruagem mais próxima. Levantou a mão e acenou, mesmo com a visão turva pelas lágrimas, e deixou-se ficar na plataforma até muito depois de o comboio ter desaparecido no nevoeiro. Tinha os sapatos encharcados pela água da chuva. As luzes dos candeeiros bruxuleavam por cima da sua cabeça, zumbindo como vespas. A multidão tinha-se dispersado, e Iris sentiu-se vazia — *sozinha* — enquanto caminhava para casa.

Enfiou as mãos frias nos bolsos do casaco e palpou um papel amarrotado. Franziu o sobrolho, certa de que se tratava de um papel de rebuçado esquecido por Forest, até que o tirou para fora e examinou à luz ténue.

Era um pedaço de papel, mal dobrado, com uma fileira de palavras datilografadas. Iris não conseguiu deixar de sorrir, mesmo com o coração partido. Leu:

> Caso não saibas... és de longe a melhor irmã que já tive. Estou muito orgulhoso de ti.
>
> Não tarda estarei de volta, minha Pequena Flor.

PARTE I

CARTAS QUE CHEGAM *PELO* ROUPEIRO



{ 1 }

INIMIGOS FIGADAIS

CINCO MESES DEPOIS

Iris corria debaixo de chuva com um salto alto partido e uma gabardina esfarrapada. A esperança batia-lhe selvaticamente no peito, conferindo-lhe velocidade e sorte na sua travessia dos carris do elétrico no centro da cidade. Há semanas que esperava por este dia e sabia que estava pronta. Apesar de estar encharcada, a coxear e cheia de fome.

A primeira pontada de inquietação surgiu quando chegou ao átrio. Era um edifício antigo, construído antes de os deuses serem derrotados. Algumas dessas divindades mortas estavam pintadas no teto e, apesar das fendas e da luz fraca dos candelabros baixos, Iris olhava sempre para elas quando ali passava. Deuses e deusas que dançavam por entre as nuvens, vestidos com longas túnicas douradas, com estrelas a refulgir nos seus cabelos, os olhares a varrer o chão. Por vezes, parecia que aqueles olhos pintados a observavam. Iris estremeceu com um arrepio. Descalçou o sapato direito sem salto e dirigiu-se para o elevador com uma passada hesitante. Esqueceu rapidamente os deuses

quando pensou *nele*. Talvez a chuva também tivesse abrandado Roman, e ela ainda tivesse uma hipótese.

Ficou um minuto à espera. O maldito elevador devia estar preso, por isso decidiu ir pelas escadas, subindo apressadamente até ao quinto andar. Estava a tremer e a transpirar quando finalmente atravessou as pesadas portas do *Oath Gazette*, sendo saudada por uma luz amarela, pelo cheiro a chá forte e pela roda-viva matinal da redação do jornal.

Estava quatro minutos atrasada.

Iris parou no meio da azáfama, com o olhar fixo na secretária de Roman.

Estava vazia. Regozijou-se até olhar para o quadro de tarefas, onde o descobriu à sua espera. Assim que os olhares se cruzaram, ele lançou-lhe um sorriso lânguido e estendeu a mão para o quadro, de onde arrancou um pedaço de papel preso por um pionés.

O último trabalho por atribuir.

Iris não se mexeu, nem mesmo quando Roman Kitt contornou os cubículos para a cumprimentar. Ele era alto e ágil, com maçãs do rosto cinzeladas, e acenou com o pedaço de papel no ar, fora do alcance dela. O pedaço de papel que ela tanto queria.

— Chegaste atrasada outra vez, Winnow — atirou-lhe. — É a segunda vez esta semana.

— Não sabia que estavas atento aos meus horários, Kitt.

O sorriso dele desfez-se quando o olhar desceu para as mãos dela, que seguravam o sapato partido.

— Parece que tiveste um problema desta vez.

— Nada disso — respondeu ela, com o queixo empinado. — Foi de propósito.

— Teres partido o salto do sapato?

— Para ficares com o último trabalho.

— Estás a dar-me uma abébia? — disse ele, arqueando uma sobrancelha. — Quem diria? Pensava que a ideia era estarmos num duelo até à morte.

— Aí está uma frase hiperbólica, Kitt. — Ela resfolegou. — De que tanto usas e abusas nos teus artigos. Devias ter cuidado com essa tua tendência, se chegares a ser colunista.

Uma mentira. Iris raramente lia o que ele escrevia. Mas ele não sabia disso.

Roman afilou o olhar.

— Vês alguma *hipérbole* no facto de haver soldados desaparecidos na frente?

Iris sentiu um aperto no estômago, mas escondeu a reação com um ligeiro sorriso.

— É esse o tema da última peça? Obrigada pela dica.

Virou costas e começou a contornar os cubículos até chegar à sua secretária.

— Pouco importa que saibas qual é o tema — disse-lhe ele, seguindo no seu encalço. — Fui eu que fiquei com a peça.

Ela chegou à secretária e acendeu o candeeiro.

— Claro, Kitt. — Ele não arredou pé. Manteve-se junto ao cubículo dela, enquanto ela pousava o saco de pano e o salto alto danificado como se fosse uma medalha de honra. Ela despiu a gabardina. Roman raramente a observava com tanta atenção, e Iris derrubou a lata dos lápis. — Posso ajudar-te com alguma coisa? — perguntou ela, tentando impedir que os lápis resvalassem da secretária. Claro que um deles caiu e foi parar mesmo à frente dos sapatos de pele de Roman. Ele não se deu ao trabalho de lhe pegar, e ela conteve um impropério quando se baixou para o apanhar, reparando no brilho dos sapatos dele.

— Vais escrever um artigo sobre soldados desaparecidos — constatou ele. — Mesmo que não tenhas todas as informações sobre a peça.

— E isso preocupa-te, Kitt?

— Não. Claro que não.

Ela observou-lhe atentamente o rosto. Assentou a lata com os lápis ao fundo da secretária, onde não corria o risco de voltar a derrubá-la.

— Já te disseram que semicerras os olhos quando mentes?

Ele franziu ainda mais o sobrolho.

— Não, mas só porque ninguém passou tanto tempo a olhar para mim como tu, Winnow.

Alguém se riu numa secretária próxima. Iris corou e sentou-se na cadeira. Tentou retorquir de forma mordaz, mas não conseguiu porque infelizmente ele era bonito e atraía com frequência o seu olhar.

Fez a única coisa que podia fazer: recostou-se na cadeira e esboçou-lhe um sorriso rasgado. Um sorriso que lhe chegou aos olhos, enrugando os cantos da boca. O rosto dele fechou-se imediatamente, tal como ela esperava. Roman detestava quando ela lhe sorria assim. Deixava-o sempre de pé atrás.

— Boa sorte com a tua peça — atirou ela, de forma animada.

— E tu diverte-te com os obituários — cortou ele, antes de seguir finalmente para o seu cubículo que, para mal dos seus pecados, ficava a apenas duas secretárias de distância.

O sorriso de Iris esmoreceu assim que ele virou costas. Ainda olhava distraidamente naquela direção quando Sarah Prindle entrou no seu campo de visão.

— Chá? — perguntou Sarah, erguendo uma chávena. — Parece que estás a precisar, Winnow.

Iris suspirou.

— Sim, obrigada, Prindle.

Aceitou a oferta, mas pousou a chávena com força na secretária, mesmo ao lado da pilha de obituários manuscritos que estavam à espera de serem revistos, editados e datilografados. Se ela

tivesse chegado a tempo de ficar com a peça, neste momento seria Roman a ter de lidar com aquele conjunto de corações partidos em forma de montes de papel.

Iris olhou para a pilha e lembrou-se do seu primeiro dia de trabalho, há três meses. Roman Kitt tinha sido o último a cumprimentá-la e a apresentar-se, aproximando-se dela com os lábios cerrados e um olhar frio e acutilante. Como se estivesse a avaliar o grau de ameaça que ela representava para ele e para a sua posição no *Gazette*.

Iris não demorou muito a perceber o que ele pensava dela. Na verdade, demorou apenas meia hora após as apresentações. Ouvira-o dizer a um dos editores:

— Ela não está à minha altura. De todo. Abandonou os estudos em Windy Grove no último ano.

Aquelas palavras ainda lhe doíam. Ela não estava à espera que fossem amigos. Nem podiam, tendo em conta que ambos competiam pelo mesmo cargo de colunista. Mas aquela atitude arrogante só tinha aumentado o seu desejo de o derrotar. E também não lhe agradara nada que Roman Kitt soubesse mais sobre ela do que ela sobre ele.

O que significava que Iris teria de tentar desenterrar alguns dos seus segredos.

No segundo dia de trabalho, ela foi ter com a pessoa mais simpática da equipa: Sarah.

— Há quanto tempo é que o Kitt trabalha no jornal? — perguntou-lhe.

— Há quase um mês — respondeu Sarah. — Por isso, não penses que ele é teu superior por ter mais tempo de serviço. Estão os dois em pé de igualdade para serem promovidos.

— E o que faz a família dele?

— O avô dele foi pioneiro nos caminhos de ferro.

— Então, é gente com dinheiro.

— Carradas dele — anuiu Sarah.

— Onde é que ele estudou?

— Acho que foi em Devan Hall, mas não tenho a certeza.

Uma escola de prestígio para onde quase todos os pais ricos de Oath mandavam os filhos mimados. Muito diferente da humilde escola de Windy Grove de Iris. Quase estremeceu ao ouvir aquilo, mas não desarmou.

— Ele namora com alguém?

— Que eu saiba, não — respondeu Sarah com um encolher de ombros. — Mas ele não partilha muito da sua vida connosco. Na verdade, não sei muito sobre ele, apenas que não gosta que toquem nas coisas na sua secretária.

Parcialmente satisfeita com aquelas informações, Iris decidiu que a melhor atitude a tomar seria ignorar a concorrência. Podia fingir que ele não existia na maior parte do tempo. Mas depressa descobriu que isso seria cada vez mais difícil, uma vez que tinham de competir um com o outro pelas peças afixadas semanalmente no quadro.

Iris tinha conseguido ficar com a primeira.

Roman tinha conseguido a segunda, mas só porque ela tinha permitido.

Foi assim que teve a oportunidade de ler um artigo escrito por ele. Iris sentara-se curvada à secretária, a ler o que Roman escrevera sobre um jogador de basebol reformado — um desporto que nunca lhe interessara, mas pelo qual, de repente, se viu encantada, tudo devido ao tom acutilante e espirituoso da escrita de Roman. Bebeu cada palavra, sentindo os pontos da bola de basebol na sua mão, a noite quente de verão, a emoção da multidão no estádio.

— Estás a ler alguma coisa de interessante?

A voz arrogante de Roman quebrou o feitiço. Iris tinha-se assustado e amarrotado o papel nas mãos. Mas ele sabia *exatamente* o que ela tinha estado a ler, e ficou cheio de si mesmo.

— Nem por isso — respondeu. E como estava desesperada para ter algo que a distraísse do embaraço que sentia, reparou no nome dele, impresso em letra preta pequena por baixo do título da peça.

ROMAN C. KITT

— O que significa o C.? — perguntou, encarando-o.

Ele limitou-se a levantar a chávena de chá e a beber um gole, sem responder. Mas não desviou o olhar por cima da borda lascada da chávena de porcelana.

— Roman *Chato* Kitt? — aventara Iris. — Ou talvez Roman *Caprichoso* Kitt? — A bazófia dele esmoreceu. Roman não gostava de ser gozado, e o sorriso de Iris alargou-se enquanto se recostou na cadeira. — Ou talvez Roman *Cabotino* Kitt?

Ele virou-se e saiu sem uma palavra, mas tinha o maxilar cerrado.

Depois de se ver livre dele, ela terminou de ler o artigo em paz. Sentiu uma pontada no coração — a escrita dele era extraordinária — e nessa noite sonhou com ele. Na manhã seguinte rasgou o papel em pedacinhos e jurou nunca mais ler um dos seus artigos. Se o fizesse, o mais certo era perder o cargo para ele.

Mas começava a reconsiderar agora, enquanto o seu chá arrefecia. Se ele escrevesse um artigo sobre soldados desaparecidos, *talvez* ela se sentisse na disposição de o ler.

Iris pegou numa folha de papel em branco da pilha sobre a secretária e colocou-a na máquina de escrever. Mas os seus dedos ficaram a pairar sobre as teclas enquanto ouvia Roman a arrumar a mochila. Ouviu-o sair da redação, certamente para recolher informações para o artigo, com os passos abafados pelo ruído das máquinas de escrever, pelo murmúrio das vozes e pelo fumo dos cigarros.

Iris cerrou os dentes enquanto começava a datilografar o primeiro obituário.

Prestes a terminar o seu dia de trabalho, Iris sentia-se vergada pelo peso dos obituários. Perguntava-se sempre qual teria sido a causa da morte e, embora isso nunca fosse incluído, acreditava que as pessoas se interessariam mais pelos elogios fúnebres se tivessem acesso a essa informação.

Roeu uma unha encravada e sentiu os vestígios de metal das teclas da máquina. Quando não estava a trabalhar num artigo, estava atolada em classificados ou obituários. Nos últimos três meses no *Gazette*, tinha feito os três trabalhos. Cada um deles suscitava palavras e emoções diferentes.

— Vem ao meu gabinete, Winnow — disse uma voz familiar. Zeb Autry, o seu chefe, aproximou-se e bateu na borda do cubículo com os dedos onde luziam anéis de ouro. — *Agora*.

Iris largou o obituário e seguiu-o até uma divisão envidraçada. Tinha sempre o mesmo cheiro opressivo: cabedal oleado, tabaco e aftershave pungente. Quando Zeb se sentou à secretária, Iris instalou-se na cadeira de espaldas em frente, resistindo à vontade de estalar os nós dos dedos.

Zeb fixou-a durante um longo minuto. Era um homem de meia-idade, com cabelo louro ralo, olhos azuis pálidos e uma fenda no queixo. Às vezes, Iris acreditava que ele lia mentes, e isso deixava-a inquieta.

— Chegaste atrasada esta manhã — atirou ele.

— Sim, senhor. Peço desculpa. Adormeci e perdi o elétrico.

Pela forma como o seu sobrolho se tornou mais vincado... ela temeu que ele também conseguisse detetar mentiras.

— O Kitt ficou com a última peça, mas só porque te atrasaste, Winnow. Afixei-a no quadro às 8 horas em ponto, como todas as outras. — Zeb arrastou a voz. — Chegaste atrasada *duas* vezes esta semana. Coisa que o Kitt nunca fez.

— Eu compreendo, Mr. Autry. Mas não voltará a acontecer.

O seu chefe ficou em silêncio durante alguns instantes.

— Nos últimos meses, publiquei 11 artigos do Kitt. E publiquei 10 dos teus, Winnow. — Iris preparou-se para o embate. Seria possível que a decisão fosse baseada nos números? No facto de Roman ter escrito mais artigos do que ela? — Sabias que a minha ideia era *dar* o cargo ao Kitt assim que ele começou a trabalhar aqui? — prosseguiu Zeb. — Até que o teu trabalho ganhou o Concurso de Inverno do *Gazette*. Das centenas de trabalhos que li, o teu captou a minha atenção. E pensei: «Aqui está uma rapariga que tem um talento em bruto e que só um idiota deixaria escapar.»

Iris adivinhou o que vinha a seguir. Tinha trabalhado no restaurante, a lavar pratos, os seus sonhos adiados e desfeitos. Nunca pensou que o trabalho que enviara para o concurso anual do *Gazette* tivesse alguma consequência, até ter chegado a casa e encontrado uma carta de Zeb endereçada a ela. Era uma proposta para trabalhar no jornal, com a tentadora promessa de ser colunista se continuasse a provar o seu valor.

Um momento que tinha virado a vida de Iris do avesso.

Zeb acendeu um cigarro.

— Tenho reparado que a tua escrita está menos incisiva ultimamente. Na verdade, está até bastante confusa. Passa-se alguma coisa em casa, Winnow?

— Não, senhor — respondeu ela, demasiado depressa.

Ele encarou-a, semicerrando um olho.

— Quantos anos tens?

— Dezoito.

— Abandonaste os estudos no inverno, não foi? — Custava-lhe pensar na promessa quebrada que fizera a Forest. Mas acenou com a cabeça, sentindo o olhar perscrutante de Zeb. Queria saber mais sobre a vida pessoal dela, o que a deixou tensa. — Tens irmãos?



— Um irmão mais velho, senhor.

— E onde é que ele está? O que faz na vida? — insistiu o seu chefe.

Iris desviou o olhar, fixando o quadriculado preto e branco do chão.

— Ele era aprendiz de relojoeiro. Mas partiu para lutar na guerra.

— Por Enva, presumo? — Ela voltou a acenar com a cabeça. — Foi por isso que saíste de Windy Grove? Porque o teu irmão partiu para a guerra? — Iris não respondeu. — É uma pena. — Ele suspirou, soltando uma baforada de fumo. Iris conhecia a opinião de Zeb sobre a guerra, e isso não deixava de a irritar. — E os teus pais?

— Vivo com a minha mãe — respondeu ela, num tom brusco.

Zeb tirou um pequeno cantil do casaco e deitou algumas gotas de uma bebida alcoólica no chá.

— Estou a pensar em dar-te outra peça, embora não costume fazer isso. Pois bem, quero aqueles obituários na minha secretária até às 15 horas desta tarde.

Ela saiu sem dizer palavra.

Iris depositou os obituários terminados na secretária do chefe uma hora mais cedo, mas não saiu da redação. Ficou mais tempo no cubículo e começou a pensar num ensaio para escrever, caso Zeb lhe desse a oportunidade de apresentar uma alternativa à peça de Roman.

Mas as palavras pareciam ter congelado no seu âmago. Decidiu ir até ao balcão para se servir de um chá acabado de fazer, quando viu Roman *Convencido* Kitt a entrar na redação.

Tinha passado o dia fora, para alívio dela, mas voltava agora com uma ginga no passo, como se estivesse a transbordar de palavras que precisava de derramar na página. Tinha as faces coradas do frio dos primeiros dias de primavera, o casaco salpicado

de pingos de chuva. Sentou-se à secretária e remexeu na sacola à procura do bloco de notas.

Iris ficou a observá-lo enquanto ele inseria uma folha na máquina de escrever e começava a datilografar furiosamente. Estava perdido para o mundo, perdido nas suas palavras, por isso ela não tomou o caminho mais longo de volta à secretária, como fazia frequentemente, para evitar passar junto a ele. Roman nem deu por ela. Iris bebeu o seu chá excessivamente doce e pôs-se a contemplar a página em branco.

Pouco depois, todos começaram a sair, exceto ela e Roman. Os candeeiros das secretárias foram sendo desligados, um a um, mas Iris continuou a escrever, lenta e penosamente, como se cada palavra tivesse de lhe ser arrancada da medula, enquanto Roman, a dois cubículos de distância, batia febrilmente nas teclas.

Os seus pensamentos desviaram-se para a guerra dos deuses.

Era inevitável. A guerra parecia estar *sempre* a fervilhar no fundo da sua mente, mesmo que as batalhas estivessem a ser travadas 600 quilómetros a oeste de Oath.

Como é que vai acabar? ponderava. *Com a destruição de um deus, ou dos dois?*

O final é muitas vezes revelado no início, por isso Iris começou a escrever o que sabia. Fragmentos de notícias que se espalhavam pelo território e chegavam a Oath semanas depois de terem ocorrido.

> Tudo começou numa pequena e pacata vila rodeada de campos dourados. Há sete meses, as searas de trigo estavam prontas para a ceifa, e quase engoliam uma povoação chamada Sparrow, onde as ovelhas são quatro vezes mais numerosas do que as pessoas, e onde chove apenas duas vezes por

ano devido a um feitiço lançado há séculos por um deus zangado — e agora morto.

Esta idílica vila no Distrito Ocidental é o local onde Dacre, um deus Subterrâneo que havia sido derrotado, foi a sepultar. E ali ficou durante 234 anos, até que um dia, por altura das colheitas, acordou inesperadamente e se ergueu, irrompendo através do solo, a arder de fúria.

Encontrou um agricultor no campo, e as suas primeiras palavras foram um sussurro frio e áspero.

— Onde está Enva?

Enva, uma deusa Celestial e a principal inimiga de Dacre. Enva, também ela derrotada há dois séculos, quando os cinco deuses restantes foram vergados ao poder dos mortais.

Cheio de medo, o agricultor encolheu-se.

— Está enterrada no Distrito Oriental — respondeu por fim. — Numa sepultura não muito diferente da vossa.

— Não — contrapôs Dacre. — Ela está acordada. E se ela se recusa a vir ter comigo... se preferir ser uma cobarde, vou atraí-la até mim.

— Como, meu senhor? — perguntou o agricultor.

Dacre olhou fixamente para o homem. Como é que um deus atrai outro? Começou a...

— O que é isto?

Iris sobressaltou-se ao ouvir a voz de Zeb. Virou-se e deu com ele ao seu lado, a semicerrar os olhos enquanto tentava ler o que ela tinha escrito.

— É só uma ideia — respondeu ela, um pouco na defensiva.

— Não é um texto sobre a origem da guerra dos deuses, pois não? Isso já não é notícia, Winnow, as gentes de Oath estão fartas de ler sobre isso. A não ser que tenhas uma nova perspetiva sobre Enva.

Iris pensou nas manchetes que Zeb havia publicado sobre a guerra. Parangonas como OS PERIGOS DA MÚSICA DE ENVA: A DEUSA CELESTIAL REGRESSOU E OS SEUS CÂNTICOS ATRAEM OS NOSSOS FILHOS E FILHAS PARA A GUERRA ou RESISTAM AO CANTO DA SEREIA PARA A GUERRA: ENVA É A NOSSA AMEAÇA MAIS PERIGOSA. TODOS OS INSTRUMENTOS DE CORDA FORAM BANIDOS DE OATH.

Todos os seus artigos responsabilizavam Enva pela guerra, e poucos mencionavam o envolvimento de Dacre. Às vezes, Iris ponderava se aquilo se devia ao facto de Zeb ter medo da deusa e da facilidade com que ela recrutava soldados, ou se ele teria sido instruído a publicar apenas determinadas coisas — se o chanceler de Oath controlava o que era publicado no jornal, disseminando sub-repticiamente a sua propaganda.

— Eu... sim, eu sei, senhor, mas pensei...

— Pensaste o quê, Winnow?

Ela hesitou.

— O chanceler colocou restrições?

— Restrições? — Zeb riu-se como se ela estivesse a ser ridícula. — Em relação a quê?

— Em relação ao que pode e não pode ser publicado no jornal.

O rosto corado de Zeb contorceu-se num esgar. Os seus olhos refulgiam — Iris não sabia se indiciavam medo ou irritação — mas ele preferiu dizer:

— Não desperdices o meu papel e as minhas fitas de tinta numa guerra que nunca chegará a Oath. É um problema ocidental, e nós devemos levar a nossa vida normalmente. Arranja um tema em condições e *talvez* eu considere a hipótese de o

publicar na coluna da próxima semana. — Com isto, bateu com os nós dos dedos na madeira e virou costas. À saída, pegou no casaco e no chapéu.

Iris suspirou. Chegava até si o matraquear da máquina de Roman, como um batimento cardíaco que se espalhava pela vasta sala. As pontas dos dedos a bater nas teclas, as teclas a bater no papel. Um estímulo para ela lhe levar a melhor; para ficar com o lugar em disputa.

Tinha a cabeça feita em água. Decidiu arrancar a folha da máquina de escrever. Dobrou-a e guardou-a no seu saco de pano. Deu um nó nos cordões e pegou no sapato com o salto partido. Apagou o candeeiro e levantou-se, esfregando o pescoço. Lá fora já tinha escurecido; a noite tinha descido sobre a cidade e as luzes mais ao longe brilhavam como estrelas caídas.

Quando voltou a passar pela secretária de Roman, ele reparou nela.

Não tinha despido a gabardina e uma madeixa de cabelo preto descaíra-lhe para a testa franzida. Os seus dedos abrandaram o ritmo, mas continuou calado.

Iris ponderou se ele teria intenção de falar com ela e, se quisesse, o que lhe diria num momento em que tinham a redação só para si, sem ninguém a observá-los. Lembrou-se de um provérbio antigo que Forest costumava invocar: *Faz de um inimigo um amigo, e terás menos um inimigo.*

Uma tarefa desmotivante, mas Iris decidiu parar e recuar até ao cubículo de Roman.

— Queres ir comer uma sandes? — perguntou, sem se aperceber das palavras que lhe saíam da boca. Só sabia que não tinha comido nada todo o dia, e que estava faminta de comida e de uma conversa animada com alguém. Mesmo que esse alguém fosse *ele*. — Há uma casa de sandes aqui perto que fica aberta até tarde. Têm os melhores picles da cidade.

Roman nem sequer abrandou o ritmo da escrita.

— Não posso. Desculpa.

Iris acenou com a cabeça e arrepiou caminho. Era ridículo ter sequer *pensado* que ele quereria jantar com ela.

Afastou-se com o olhar brilhante, atirando o salto partido para o caixote do lixo à saída.





{ 2 }

PALAVRAS PARA FOREST

Ainda bem que Roman tinha recusado o convite para comer uma sandes.

Iris parou numa mercearia de esquina ao sentir o saco muito leve. Só se apercebeu de que tinha entrado num dos edifícios encantados de Oath quando a comida nas prateleiras começou a trocar de lugar. Apenas os artigos que ela tinha dinheiro para comprar se aproximavam, disputando a sua atenção.

Iris estacou no corredor, com a cara a arder. Cerrou os dentes quando reparou na quantidade de coisas que *não* podia comprar e pegou apressadamente num pão e em meia dúzia de ovos cozidos, na esperança de que a loja a deixasse em paz e parasse de pesar as moedas que tinha na carteira.

Era por *isto* que ela desconfiava dos edifícios encantados da cidade. Podiam ter vantagens interessantes, mas também podiam ser intrometidos e imprevisíveis. Tinha o hábito de evitar os que não lhe eram familiares, apesar de serem poucos e muito espaçados.

Iris avançou rapidamente para a caixa para pagar, reparando subitamente nas prateleiras vazias. Só restavam algumas latas de conservas: milho, feijão e picles de cebola.

— Presumo que a sua loja esteja apostada em vender legumes enlatados — atirou ela, num tom seco, enquanto pagava ao merceeiro.

— Nem por isso. Está tudo a ser enviado para oeste, para a frente de batalha — esclareceu o homem. — A minha filha está a lutar por Enva e quero ter a certeza de que a companhia dela tem comida suficiente. Não é fácil alimentar um exército.

Iris pestanejou, surpreendida com a resposta.

— O chanceler ordenou que enviasse ajuda?

O merceeiro resfolegou.

— Não. O chanceler Verlice só vai declarar guerra a Dacre quando o deus nos vier bater à porta, embora tente fazer *parecer* que apoiamos os nossos irmãos e irmãs que lutam no Ocidente.

O merceeiro colocou o pão e os ovos num saco castanho, fazendo-o deslizar pelo balcão.

Mentalmente, Iris elogiou-lhe a coragem, por dizer aquelas coisas. Primeiro, por sugerir que o chanceler do Oriente era um cobarde ou um simpatizante de Dacre. Segundo, por revelar por qual dos deuses a sua filha estava a lutar. Ela própria tinha aprendido a lição com o seu irmão, Forest. Havia muitas pessoas em Oath que apoiavam Enva e o seu recrutamento, e que consideravam os soldados corajosos, mas havia outras que não. Mas essas pessoas tendiam a ser as que achavam que a guerra nunca as afetaria. Ou indivíduos que veneravam e apoiavam Dacre.

— Espero que a sua filha esteja bem e em segurança na frente de batalha — disse, quando se despediu do merceeiro. Ficou contente por deixar aquela loja intrometida para trás, mas escorregou num jornal molhado assim que pôs os pés na rua. — Não chega já por hoje? — rosnou, enquanto se curvava para o apanhar,

convencida de que era um exemplar do *Gazette*.

Não era.

Os olhos de Iris arregalaram-se quando reconheceu o logótipo do tinteiro e da pena do *Inkridden Tribune*, o rival do *Gazette*. Havia cinco jornais a circular em Oath, mas o *Gazette* e o *Tribune* eram os mais antigos e os mais lidos. E se Zeb a visse com o rival nas mãos, certamente daria a promoção a Roman.

Estudou a primeira página, curiosa.

MONSTROS AVISTADOS A 30 QUILÓMETROS DA FRENTE DE BATALHA, anunciava a manchete em letras borradas. Por baixo, a ilustração de uma criatura com grandes asas membranosas, duas pernas finas rematadas por garras e uma fileira de dentes afiados como agulhas. Iris estremeceu, esforçando-se por ler as palavras, mas eram indecifráveis, derretidas que estavam pela água.

Ficou a olhar para o papel durante mais algum tempo, paralisada na esquina da rua. A chuva pingava-lhe do queixo e ia cair, como lágrimas, sobre a ilustração monstruosa.

Criaturas como aquela não existiam desde que os deuses tinham sido derrotados, há séculos. Mas claro, se Dacre e Enva tinham regressado, as criaturas de outrora tinham vindo com eles. Criaturas que há muito só viviam nos mitos.

Iris tentou atirar o papel desintegrado para o caixote do lixo, mas foi atravessada por um pensamento aterrador.

É por isso que estão a desaparecer tantos soldados na frente? Porque Dacre está a lutar com monstros?

Ela precisava de saber a resposta. Dobrou cuidadosamente o *Inkridden Tribune* e meteu-o no bolso interior do casaco.

Demorou mais do que gostaria à chuva, sobretudo sem calçado adequado, mas Oath não era um local fácil de percorrer a pé. A cidade era antiga, erguida há séculos sobre o túmulo de um deus derrotado. O desenho das ruas mais parecia o rasto de uma

serpente — algumas eram de terra batida e estreitas, outras largas e pavimentadas, e outras ainda eivadas de magia. No entanto, nas últimas décadas tinham surgido construções novas e, por vezes, Iris ficava chocada ao ver edifícios de tijolo e janelas brilhantes ao lado de casas com telhados de colmo, parapeitos em ruínas e torres de castelos de uma era esquecida. Ao ver ruas antigas e sinuosas a serem percorridas por elétricos. Como se o presente estivesse a tentar remendar o passado.

Volvida uma hora, Iris chegou finalmente ao seu apartamento, ofegante e encharcada pela chuva. Vivia com a mãe no segundo andar e parou à porta, sem saber o que a esperava.

Não ficou surpreendida com o que viu.

Aster estava deitada no sofá, embrulhada no seu casaco roxo preferido, com um cigarro aceso entre os dedos. Havia garrafas vazias espalhadas pela sala de estar. Há semanas que a luz tinha sido cortada. Em cima do aparador, ardiam velas há tanto tempo que a cera tinha derretido e formado uma poça na madeira.

Iris ficou parada na soleira da porta a olhar para a mãe, até que o mundo à volta de ambas se tornou um borrão.

— Pequena Flor — chamou Aster, embriagada, quando finalmente reparou nela. — Até que enfim que vieste ver-me.

Iris respirou fundo. Queria soltar uma torrente de palavras. Palavras amargas. Mas então reparou no silêncio — um silêncio estrondoso e terrível — e na forma como o fumo se enrolava nele, e não se conteve. Olhou para o aparador, onde as velas tremeluziam, e reparou no que faltava.

— Onde está o rádio, mãe?



A mãe arqueou uma sobrancelha.

— O rádio? Vendi-o, querida.

Iris sentiu o coração cair-lhe aos pés doridos.

— Porquê? Era o rádio da avó.

— Já mal conseguíamos sintonizá-lo, querida. Estava na altura

de o vender.

Não, pensou Iris, piscando os olhos para afastar as lágrimas. *Só precisavas de dinheiro para comprar mais álcool*.

Bateu com a porta da rua e atravessou a sala de estar, contornando as garrafas e avançando para a cozinha pequena e suja. Não havia nenhuma vela acesa, mas Iris tinha a divisão memorizada. Pousou o pão amassado e a meia dúzia de ovos na bancada antes de pegar num saco de papel e voltar à sala de estar. Recolheu as garrafas — *tantas garrafas* — e isso fê-la lembrar-se daquela manhã, e do motivo para se ter atrasado. Porque a mãe estava deitada no chão junto a uma poça de vómito, num caleidoscópio de vidros partidos, e aquilo tinha-a deixado aterrorizada.

— Deixa estar — disse Aster, acenando com a mão, enquanto as cinzas caíam do cigarro. — Eu depois limpo.

— Não, mãe. Amanhã tenho de chegar a horas ao trabalho.

— Eu disse para *deixares estar*.

Iris deixou cair o saco. As garrafas tilintaram no interior, mas ela estava demasiado cansada para discutir. Fez a vontade à mãe.

Foi para o seu quarto escuro e procurou os fósforos, acendendo as velas que estavam na mesa de cabeceira. Mas tinha fome e acabou por ter de voltar à cozinha para fazer uma sandes com marmelada, enquanto a mãe se deitava no sofá a beber de uma garrafa, a fumar e a cantarolar as suas canções preferidas, que já não podia ouvir, visto que o rádio tinha sido *vendido*.

De volta ao silêncio do quarto, Iris abriu a janela e pôs-se a ouvir a chuva. A noite estava fria, límpida. O inverno teimava em perdurar, mas Iris gostava daquele frio revigorante e dos arrepios que lhe causava na pele. Lembrava-a de que estava viva.



Comeu a sandes e os ovos e trocou a roupa molhada por uma camisa de dormir. Abriu cuidadosamente o *Inkridden Tribune* ensopado no chão para secar, com a ilustração do monstro ainda

mais esbatida depois de ter estado no seu bolso. Ficou a olhar para ela até sentir um aperto no peito. Estendeu as mãos por baixo da cama e retirou a máquina de escrever da avó.

Iris puxou-a para a luz da lareira, aliviada por ainda a ter nas mãos depois do súbito desaparecimento do rádio.

Sentou-se no chão e abriu o saco de pano, de onde retirou o início do artigo, amarrotado e húmido da chuva. *Arranja um tema em condições e talvez eu considere a hipótese de o publicar na coluna da próxima semana*, dissera Zeb. Iris respirou fundo e inseriu uma folha em branco na máquina de escrever da avó, pousando os dedos sobre as teclas. Mas depois voltou a olhar para o monstro manchado de tinta, e deu por si a escrever algo completamente diferente do seu artigo.

Há dias que não escrevia a Forest. No entanto, decidiu fazê-lo naquele momento. As palavras saíram em catadupa. Não se preocupou em colocar a data ou um *Querido Forest*, como tinha feito em todas as outras cartas que lhe tinha escrito. Não queria escrever o nome dele, nem vê-lo na página. Com o coração dilacerado, escreveu sem rodeios:

> Todas as manhãs, quando atravesso o mar de garrafas verdes da mãe, penso em ti. Todas as manhãs, quando visto a gabardina que me deste, pergunto-me se pensaste em mim, nem que fosse por um instante; se imaginaste o que a tua partida nos faria, a mim e à mãe.
>
> Pergunto-me se lutar por Enva é tudo aquilo que imaginaste que seria. Pergunto-me se foste morto por uma bala ou uma baioneta. Se foste ferido por um monstro. Pergunto-me se estarás deitado numa vala comum, coberto de terra encharcada de sangue, onde nunca poderei ajoelhar-me, por

mais desesperada que a minha alma esteja por te encontrar.

Odeio-te por me deixares assim.

Odeio-te e amo-te ainda mais, porque és corajoso e irradias uma luz que julgo que nunca vou encontrar ou compreender; o chamamento para lutar por algo com um fervor tal que te faz esquecer todo e qualquer medo da morte.

Há alturas em que nem consigo respirar fundo. Entre a preocupação e o medo... os meus pulmões tornam-se pequenos porque não sei onde estás. Já passaram cinco meses desde que nos despedimos com um abraço na estação. Cinco meses. O que me leva a crer que estás desaparecido na frente ou que estás demasiado ocupado para me escrever. Porque acho que não me conseguiria levantar de manhã — acho que não me conseguiria levantar da cama — se recebesse a notícia da tua morte.

Oxalá fosses um cobarde por mim, pela mãe. Oxalá pousasses a arma e renegasses a lealdade à deusa que te tem cativo. Oxalá pudesses parar o tempo e voltar para nós.

Iris tirou o papel da máquina de escrever, dobrou-o duas vezes, levantou-se e caminhou para o roupeiro.

Há muito tempo, a avó escondia bilhetes para Iris encontrar no seu quarto, por vezes enfiando-os debaixo da porta ou da almofada, ou escondendo-os no bolso da saia para ela os encontrar mais tarde na escola. Palavras de ânimo ou um verso de um poema que sempre lhe davam prazer em descobrir. Era uma tradição delas. Iris aprendera a ler e a escrever graças aos bilhetes que trocava com a avó.

Por isso, parecia-lhe natural enfiar as cartas que escrevia a Forest por baixo da porta do roupeiro. O irmão não tinha um quarto no apartamento; dormia no sofá para Aster e Iris terem quartos individuais. Mas há anos que ele e Iris partilhavam o roupeiro.

O roupeiro era uma pequena reentrância na parede de pedra, com uma porta em arco que deixara um risco permanente no chão. As roupas de Forest estavam penduradas à direita, as de Iris à esquerda. Ele não tinha muita roupa — algumas camisas, calças, suspensórios de couro e um par de sapatos rotos. Mas o guarda-roupa de Iris também não era abundante. Ambos aproveitavam ao máximo o que tinham, remendavam buracos e bainhas desgastadas e usavam cada peça até ficar puída.

Iris mantivera as roupas do irmão no roupeiro, apesar da graçola que este fizera de que podia ficar com todo aquele espaço enquanto ele estivesse fora. Nos primeiros dois meses após a partida do irmão, esperara pacientemente que ele lhe escrevesse, como tinha prometido. Mas depois a mãe começou a beber, a ponto de ser despedida do Revel Diner. As contas deixaram de ser pagas e já não havia comida na despensa. Iris não teve outra alternativa senão desistir da escola e procurar trabalho, enquanto esperava que Forest lhe escrevesse.

Ele nunca o fez.

E Iris já não conseguia suportar o silêncio. Não tinha morada, não tinha informações sobre o local onde o irmão estava destacado. Não tinha nada a não ser uma tradição que lhe era muito querida, por isso fez como a sua avó teria feito — Iris entregou o papel dobrado ao roupeiro.

No dia seguinte, para seu espanto, percebera que a carta tinha desaparecido, como se tivesse sido devorada pelas sombras.

Inquieta, Iris tinha datilografado outra carta para Forest, que passou por baixo da porta do roupeiro. Também esta tinha

desaparecido. Incrédula, a jovem estudou atentamente aquele pequeno móvel. Reparou nas pedras da parede, como se alguém, há séculos, tivesse decidido fechar uma passagem antiga. Ponderou se a magia presente nos ossos do deus derrotado, depositados nas profundezas da cidade, não se teria erguido para atender à sua angústia; se a magia não teria, de alguma forma, transportado a sua carta no vento do Oeste, entregando-a onde quer que o irmão estivesse a lutar na guerra.

Até então, sempre odiara os edifícios encantados.

Ajoelhou-se e passou mais esta carta por baixo da porta do guarda-roupa.

Era um alívio ver as palavras partirem. A pressão que sentia no peito diminuiu.

Iris voltou à máquina de escrever. Quando a levantou, os seus dedos tocaram num relevo de metal frio, aparafusado no interior da estrutura. A placa tinha o comprimento do seu dedo mais pequeno e passava facilmente despercebida, mas ela lembrava-se vivamente do dia em que a tinha descoberto. A primeira vez que lera estas palavras na placa prateada. A TERCEIRA ALOUETTE. FEITA ESPECIALMENTE PARA D.E.W.

Daisy Elizabeth Winnow.

O nome da sua avó.

Iris tinha estudado muitas vezes aquelas palavras, interrogando-se sobre o seu significado. Quem tinha feito aquela máquina de escrever para a avó? Oxalá tivesse reparado na gravação antes de a avó ter falecido. Agora, Iris tinha de se conformar com o mistério.

Voltou a guardar a máquina de escrever no seu esconderijo e deitou-se na cama. Puxou os cobertores até ao queixo, mas deixou a vela acesa, apesar de saber que não devia fazê-lo. *Devia apagá-la, poupá-la para amanhã à noite*, pensou, sem saber quando poderia voltar a pagar a conta da luz. Mas por ora queria descansar na luz, não na escuridão.

Os seus olhos fecharam-se, pesados após um longo dia. Ainda sentia o cheiro da chuva e do fumo do cigarro no cabelo. Ainda tinha tinta nas pontas dos dedos, marmelada entre os dentes.

Estava quase a dormir quando ouviu o som de papel a farfalhar.

Iris franziu o sobrolho e sentou-se na cama.

Olhou para o roupeiro. No chão, diante dela, estava um pedaço de papel.

Ficou boquiaberta, mas pensou que devia ser a carta que tinha acabado de enviar. Uma corrente de ar devia tê-la empurrado para fora do roupeiro. Contudo, quando se levantou da cama, percebeu que não era a sua carta. Aquele pedaço de papel estava dobrado de forma diferente.

Hesitou, mas depois levantou-se e estendeu a mão para lhe pegar.

O papel estremeceu e, quando a luz da lareira incidiu sobre ele, Iris conseguiu distinguir palavras datilografadas. Poucas palavras, mas pretas e nítidas.

Abriu a carta e leu. A respiração ficou presa na sua garganta.

Não sou o Forest.



Não espero
que respondas,
mas ajuda saber
que alguém me
está a ouvir,
que alguém está
a ler o que despejo
numa página.

Ajuda saber que
não estou sozinha
esta noite, mesmo
sentada no silêncio
da escuridão.



penguinlivros.pt

ISBN: 978-989-596-429-1

9 789895 964291